



Sumario:

(01)	LEÃO DE NEMÉIA.....	2
(02)	A HIDRA DE LERNA.....	3
(03)	- CORÇA DE CERINÉIA.....	4
(04)	O JAVALI DE ERIMANTO.....	6
(05)	OS ESTÁBULOS DO REI AUGIAS.....	8
(06)	AVES ANTROPÓFAGAS DA ESTINFALIA.....	10
(07)	O TOURO DE CRETA.....	11
(08)	ÉGUAS ANTROPÓFAGAS DE DIOMEDES.....	13
(09)	O CINTURÃO DE HIPOLITA.....	14
(10)	OS BOIS VERMELHOS DE GERIÃO,.....	16
(11)	AS MAÇÃS DE OURO DAS HESPÉRIDES.....	18
(12)	O CÃO CÉRBERO.....	20

(01) LEÃO DE NEMÉIA

Houve um tempo, na Grécia antiga, em que um leão de tamanho descomunal aterrorizava as pessoas que moravam nos arredores de Neméia, vale da região da Argólida, no Peloponeso, perto de Micenas e Corinto. Segundo a lenda, ele era filho de Cérbero com Quimera, irmão da Esfinge e sobrinho da Hidra de Lerna, quatro outras criaturas fantásticas da mitologia grega. O rugido apavorante dessa fera era ouvido à grande distância, e como ela não podia ser ferida por nenhuma das armas usadas pelos homens da época, porque tinha a pele invulnerável, continuava matando e devorando rebanhos ou qualquer infeliz que encontrasse durante suas caminhadas em busca de comida, sem que nada pudesse ser feito para acabar com isso.

Foi quando Euristeu, rei de Micenas, instigado pela deusa Hera (Juno), esposa de Zeus (Júpiter), impôs a Hércules, a quem ele odiava, doze trabalhos (*veja o texto Hércules - Os Doze Trabalhos*) como expiação pelo crime que o herói grego havia cometido (num acesso de fúria também provocado pela deusa, ele tinha assassinado sua esposa Mégara e os três filhos que tivera com ela). A primeira dessas tarefas conferidas ao semideus foi justamente a de matar e levar ao rei a pele do animal que todos temiam e tinham como invencível.

Hércules partiu, então, para o vale de Neméia. Chegando lá, passou a noite na casa do pastor Malorco, e no dia seguinte iniciou a caçada à fera, procurando suas pegadas na floresta. Pouco a pouco ele foi se embrenhando na mata a passos lentos e cuidadosos, vigilante, olhos atentos em busca de qualquer sinal que lhe pudesse orientar sobre que direção tomar, até que de repente seus instintos o alertaram de que o perigo estava próximo. E realmente, não demorou muito para que o leão surgisse entre as moitas alguns metros à frente, pisando macio, o focinho buscando no ar o cheiro da presa que não era outra senão o seu próprio caçador.

A reação de Hércules foi imediata. Em poucos segundos ele retesou o arco e disparou, uma atrás da outra, cerca de seis flechas contra a fera que já o havia avistado. Em vão... As setas atingiram o dorso do animal mas não lhe penetraram no corpo - graças à sua pele invulnerável -, e caíram inúteis no chão. Diante disso o caçador sacou a espada da bainha e investiu contra o leão, golpeando-o com força extraordinária, mas também não conseguiu nenhum resultado prático: a lâmina envergou como se fosse um galho do arbusto que tombara sob o peso dos dois contendores, sem causar nenhum dano à criatura. Esta reagiu com dois golpes das patas de garras afiadas, mas Hércules esquivou-se deles, retrocedeu, recuperou a clava que havia deixado alguns metros atrás, e desferiu com ela uma cacetada tão violenta contra o focinho do bicho, que com a força do choque o instrumento partiu-se em dois pedaços.

O leão sentiu a pancada, tonteou, e então, pela primeira vez na vida, achou melhor abandonar a luta e refugiar-se em sua toca, para recuperar-se. Mas Hércules não lhe deu descanso. Partiu em seu encalço, e ao chegar ao covil onde ele se escondia, fechou uma das entradas com a rede que levava, entrou rapidamente pela

Os 12 Trabalhos de Hércules

outra, e sem dar tempo à fera saltou sobre ela, levantou-a pelas patas da frente, enlaçou-a com seus braços poderosos e passou a apertá-la com toda a força que tinha. O leão fez de tudo para livrar-se daquele abraço sufocante, mas seus rugidos e suas patadas de nada adiantaram porque o herói grego continuou apertando, apertando, apertando, até que a fera parou de se debater e tombou a cabeça para o lado. Estava morta.

Satisfeito, Hércules carregou seu corpo até a casa do pastor Malorco, onde sacrificou um carneiro em agradecimento a Zeus, e depois seguiu para a cidade de Micenas levando consigo o leão morto, para mostrá-lo a Euristeu. Mas ao entrar no palácio o rei assustou-se ao ver o caçador carregando aquela presa amedrontadora, mesmo estando sem vida, e por isso o expulsou da cidade. Já no campo o herói quis esfolar a fera, mas apesar de todas as tentativas que fez, não conseguiu cortar-lhe a pele. Nessa hora os deuses que o protegiam vieram em seu auxílio e o aconselharam e retirar uma das garras do animal, que eram afiadas e cortantes, e usá-la como se fosse uma espada. Foi o que Hércules fez, e com essa ferramenta ele não só conseguiu tirar o couro do leão, mas depois de curti-lo passou a usá-lo como se fosse uma couraça protetora, muito mais resistente que qualquer metal conhecido.

A luta de Hércules com o leão de Neméia é um dos mais antigos trabalhos representados em obras artísticas. Mais de 700 vasos de figuras negras, e cerca de 100 vasos de figuras vermelhas, todos eles mostrando esse tema, chegaram até nós. A cena mais comum apresenta o herói desarmado, com ou sem barba, atracado com o leão pela frente, de pé ou no chão. De acordo com algumas versões tardias, Hera colocou o leão nos céus (Léo, a constelação de Leão, entre Câncer, a oeste, e Virgo, ou Virgem, a leste).

(02) A HIDRA DE LERNA

O segundo trabalho exigido de Hércules pelo rei Euristeu, de Micenas, fez com que o herói grego se dirigisse ao pântano de Amione, em Lerna, região da Argólida, a fim de exterminar uma serpente medonha que lá habitava, um animal tão fantástico que, segundo a voz do povo, possuía de 7 a 10 cabeças, cada uma delas tendo a boca guarnecida com dentes que podiam estraçalhar qualquer coisa que mordessem.

Na verdade, elas eram nove, todas capazes não só de envenenar mortalmente, através do bafo e da mordida, os que cometiam a loucura de enfrentá-la, mas também de se regenerarem em uma ou duas novas cabeças, quando cortadas, sendo a central delas possuidora do dom da imortalidade. Todos conheciam essa criatura horrenda pelo nome de Hidra de Lerna, e sabiam que era irmã de Cérbero, o cão do inferno, de Ortro, o cão monstruoso de Gerion, e de Quimera, monstro com cabeça de leão, corpo de cabra, cauda de serpente e que vomitava chamas. Por todas essas terríveis e perigosas características que a serpente possuía, não havia quem não a temesse, e por isso evitasse passar por perto da região que ela escolhera para morar.

Sabedor do que o esperava, Hércules convidou o sobrinho Iolau para acompanhá-lo (este era filho de Íficles, irmão gêmeo do herói grego), e assim foram

Os 12 Trabalhos de Hércules

eles em busca do monstro que precisavam abater. Chegando ao pântano que procuravam, uma área plana e normalmente inundada, mas de abundante vegetação arbustiva, os dois sabiam que não precisariam esperar muito tempo para serem descobertos, e foi o que realmente aconteceu. Nem bem haviam se passado uns quinze minutos quando eles ouviram o barulho de que alguém ou alguma coisa se movimentava apressadamente e sem cuidado, a uma distância relativamente curta. Logo em seguida a figura Hidra surgiu em meio aos arbustos, com suas nove cabeças vasculhando os arredores, em todas as direções. Ao enxergá-los, a fera partiu incontinentemente para o ataque, e aí começou a batalha.

Protegido pelos ramos da vegetação que mal o encobria, Hércules, brandindo a pesada espada que sua mão direita segurava com firmeza, conseguia evitar as investidas das nove cabeças que alternadamente procuravam mordê-lo, e quando alguma delas chegava mais perto, era logo decepada. Porém, mal ela caía ao chão, uma outra logo surgia em seu lugar, situação difícil que não poderia perdurar por muito tempo sob pena do monstro finalmente conseguir atingir o herói com seu hálito pestilento ou seu veneno poderoso. Por isso Hércules ordenou que Iolau preparasse uma tocha com ramos secos arrancados dos arbustos à sua volta, e quando isso foi feito, cada vez que o tio cortava uma das cabeças da hidra, o crescimento de outra era impedido porque o sobrinho do guerreiro imediatamente cauterizava a ferida feita na fera, evitando, assim, a regeneração.

Enquanto isso a fera urrava de dor a cada amputação sofrida, mas na medida em que ia perdendo seu poder de responder aos ataques que recebia, mais fácil se tornava para Hércules agredi-la com rapidez e eficiência, até que finalmente ele conseguiu atingir a cabeça central da serpente com um golpe certo, e quando esta caiu no chão, o filho de Zeus imediatamente a enterrou e jogou sobre o buraco algumas pedras pesadas, para que dali em diante nenhum homem normal jamais conseguisse descobri-la. Pouco adiante, sem vida, jazia o corpo da fera que tanto apavorara o povo de Lerna, do que se aproveitou o semideus para molhar em seu veneno a ponta de suas flechas.

Durante a luta, quando a deusa Hera (Juno) percebeu que o monstro poderia ser derrotado por Hércules, mandou um caranguejo morder o pé do herói, mas este o esmagou com o pé. Em algumas versões desse episódio mitológico a deusa, em reconhecimento ao sacrifício da Hidra e o caranguejo, os colocou entre as estrelas, formando duas constelações vizinhas, a Hidra e Câncer, sendo que a primeira, a maior das constelações conhecidas atualmente, já estava presente no catálogo estelar de Ptolomeu, elaborado no século 2.

A mais antiga representação deste segundo trabalho de Hércules aparece em uma fivela de bronze, do final do século 8, que mostra Hércules, Iolau, a Hidra e o caranguejo. Também foram achados vasos em Corinto, Atenas e Lacônia, dos dois séculos seguintes, mostrando variações dessa mesma cena, principalmente no que diz respeito às numerosas cabeças da Hidra.

(03) - CORÇA DE CERINÉIA

Os 12 Trabalhos de Hércules

Segundo a mitologia grega, as Plêiades, ou Atlântidas, filhas do titã Atlas com a ninfa Pleione, eram sete, embora outras versões enumerem quinze. Essas divindades dos bosques, dos montes, dos rios e dos campos, chamavam-se Maia, Electra, Taigeta ou Taigete, Astéropé ou Asteropo, Mérope, Alcíone e Celeno. Por serem alegres e encantadoras elas atraíram o interesse masculino de Orion, o maior caçador de todos os tempos, e este, desejando tê-las para si, passou a perseguí-las de forma implacável. Cansadas dessa situação desconfortável e constrangedora, as ninfas então pediram a Zeus que as transformasse em uma constelação, no que foram prontamente atendidas, passando a formar um aglomerado estelar visível tanto no hemisfério sul, como no hemisfério norte.

Diz a lenda que Atlas, punido por Zeus por ter se insurgido contra ele, recebeu como castigo eterno a tarefa de ter que carregar o globo terrestre sobre seus ombros (como a 1ª vértebra cervical suporta o peso de nossa cabeça, ela é chamada de Atlas, para lembrar o sacrifício imposto ao deus grego), e que o único consolo do titã era ver suas filhas brilhando no céu, o que aliviava sua dor e lhe diminuía o pesar por se ver obrigado a cumprir tal pena.

Duas versões explicam a lenda da corça de Cerinéia, cidade que por volta de 400 anos antes de Cristo era um baluarte da Acaia, região da Grécia antiga, ao norte do Peloponeso. Na primeira, Taigete, uma das plêiades, passeava por aquela região levando consigo uma pequena corça. Em dado momento ela foi assediada por Zeus, o deus mulherengo que andava procurando amor terreno, mas Ártemis (Diana), a deusa protetora dos campos que por casualidade encontrava-se nas proximidades, escutou os lamentos da ninfa e interveio prontamente, evitando que o estupro divino fosse concretizado. Agradecida, Taigete entregou a corça à deusa, e como o pequeno animal dali em diante passava a ter proteção sobrenatural, nenhum caçador poderia fazer-lhe mal. Em outra explicação, Taigete foi transformada por Ártemis em uma corça, para assim poder escapar da investida de Zeus, mas como os registros antigos revelam que Lacedemon, rei de Esparta, era filho do deus maior com Taigete, depreende-se daí que a moça não conseguiu safar-se a tempo.

Seja como for, o fato é que corça de Cerinéia tornou-se famosa porque além de possuir chifres de ouro e cascos de bronze, era capaz de correr em velocidade insuperável por longo tempo, sem se cansar. O rei Euristeu sabia que ela era consagrada a Ártemis (Diana), e talvez por isso exigiu de Hércules (orientado por Hera, esposa de Zeus, segundo alguns autores) que seu terceiro trabalho fosse a captura do animal. O herói grego surpreendeu-se com a indicação dessa tarefa, e só concordou em cumpri-la depois do rei ter concordado com que a corça fosse capturada viva, e colocada em liberdade logo depois de ter sido mostrada a ele, em seu palácio de Micenas. E foi isso, realmente, o que aconteceu. *(Na ilustração acima, figuras negras pintadas em uma ânfora ática mostram Hércules capturando a corça Cerinéia. Data: -530/-520 - Paris, Museu do Louvre).*

Para executar esse trabalho Hércules precisou de muito esforço, de muita atenção, de muita perseverança. Durante um ano inteiro ele percorreu planícies,

Os 12 Trabalhos de Hércules

bosques, campos e montanhas, sempre no rastro de sua presa, sem qualquer esmorecimento, mas como ela era veloz como o vento, jamais permitiu que o caçador se aproximasse o bastante para tentar alguma coisa que pudesse ajudá-lo na captura. De vez em quando ele avistava a corça parada ao longe, a observá-lo com aparência de pouco caso, como se estivesse se mostrando apenas para dar a entender que, contra a sua vontade, o caçador que a perseguia não conseguiria pôr-lhe as mãos. E foi dessa forma que a perseguição continuou dia após dia, mês após mês, por regiões conhecidas e desconhecidas, indo até, no dizer de Píndaro (522 -443 a.C.), venerado na Grécia antiga como poeta lírico nacional, ao país dos Hiperbóreos, no extremo norte da Terra, ou seja, os confins do mundo conhecido

Até que um dia, a corça finalmente cansou. Parada à beira do rio Ládon, na região do Peloponeso, ela tratava de beber água e descansar um pouco daquela correria desenfreada em que sua vida havia se transformado já havia muitos meses. Hércules percebeu a oportunidade e se aproximou sorrateiro, decidido a não perder a chance que o momento lhe oferecia. A partir desse ponto, a descrição sobre o desfecho da caçada é apresentada pelos mitólogos de duas maneiras diferentes: em uma, o animal, ao sentir-se ameaçado, jogou-se nas águas do rio para transpô-lo a nado, quando então foi aprisionado pela rede que Hércules lhe atirou; em outra, o herói grego disparou contra a corça uma flecha que a feriu sem muita gravidade em uma das patas dianteiras, o que impediu sua fuga e imediata captura.

De acordo com a lenda, Hércules estava levando a corça ao palácio do rei Euristeu quando Ártemis (Diana) lhe apareceu. Mostrando-se bastante irritada com a captura do pequeno animal a ela consagrado, a deusa lhe disse que ele não poderia ter feito o que fizera, mas o herói explicou que a corça fora aprisionada para satisfazer a exigência de Euristeu, mas que estava viva e seria libertada tão logo fosse mostrada ao rei de Micenas. Satisfeita, Ártemis permitiu que Hércules prosseguisse em seu caminho, colocando um bem sucedido ponto final nesse seu terceiro trabalho

(04) O JAVALI DE ERIMANTO

Erimanto era um deus-rio da Grécia antiga; mesmo nome dado a um filho do deus Febo (Apolo) que foi penalizado pela deusa Afrodite (Vênus) com a perda da visão porque ele a surpreendeu quando se banhava despreocupada em uma fonte de águas mornas e cristalinas. Dessa punição injusta e arbitrária resultou, mais adiante, que Fébo, para vingar-se, transformou-se em javali e matou Adônis, amante da deusa. Coincidência ou não, o fato é que na montanha de Erimanto, situada no extremo noroeste da Arcádia, Grécia antiga, próxima ao golfo de Corinto, havia um javali tão feroz que destruíam tudo o que encontrava pela frente. Os habitantes da região o temiam com justa razão porque a fera atacava todos os humanos com que se defrontava, quase sempre ferindo gravemente os que não conseguiam escapar de suas presas, chegando, às vezes, a matar alguns desses desafortunados. Esse bicho terrível era conhecido pelo nome de Javali de Erimanto, e não havia nas redondezas quem não

Os 12 Trabalhos de Hércules

desejasse vê-lo morto a qualquer preço, para terminar de vez com aquele sentimento de terror e pânico que afetava a todos do lugar.

Ao tomar conhecimento da existência desse animal perigoso ao extremo, o rei Euristeu, de Micenas, decidiu que o quarto trabalho de Hércules seria o de capturar essa criatura bravia e violenta, e levá-la viva ao seu palácio como prova do cumprimento exato da tarefa de que fora incumbido. E foi o que o herói grego fez sem pensar duas vezes: partiu para a região assolada pelo javali levando consigo apenas a clava que carregava costumeiramente; o arco novo com que fora presenteado pelo deus Apolo ele deixou para trás, pois entendeu que não teria necessidade de usá-lo para dominar e levar até o rei a fera que espalhava tanto medo por toda parte.

Na subida da montanha Hércules encontrou seu amigo Phobos, um centauro filho de Sileno - divindade das florestas e das fontes, um sátiro metade homem, metade bode ou cavalo, e educador de Baco - com uma melíade - ninfa filha de Cronos -, a quem conhecera em visita anterior à região. Convidado por este a passar a noite em sua casa, o herói aceitou a hospedagem, e por isso os dois se dirigiram para lá e ficaram conversando. Até o momento em que Phobos sugeriu que abrissem um barril de vinho que não era dele, pois pertencia aos centauros locais, e que lhes fora entregue pelos deuses com a condição de que só poderia ser aberto quando todos estivessem reunidos. A sugestão foi aceita com agrado, os dois começaram a beber, ficaram bêbados e passaram a fazer muito barulho, o que chamou a atenção dos outros centauros. Estes acorreram à casa de Phobos, e quando descobriram o que havia acontecido irritaram-se com justa razão, essa irritação logo se transformou em raiva que redundou numa batalha feroz na qual o dono da cabana acabou morrendo. Aí, enquanto os companheiros do centauro morto lamentavam o acontecido, Hércules cuidou de se afastar do local sem chamar a atenção, reiniciando assim sua caminhada em busca do javali.

Chegando à parte mais alta da montanha ele tratou de procurar por pistas do animal, mas não as encontrou logo de imediato. Mas como era persistente e atencioso quanto aos detalhes que poderiam definir o sucesso ou insucesso da caçada, acabou descobrindo o que procurava, o que é descrito pelos cronistas da época de duas formas diferentes. Na primeira, após encontrar a fuma onde a fera se entocava, Hércules procurou chamar sua atenção postando-se à entrada da caverna e gritando o mais alto que podia. Seu estratagema deu resultado, porque o javali guinchou raivoso lá de dentro e saiu em busca de quem o afrontava. Nevava, na época, e por isso o solo achava-se coberto por grossa camada de neve. Hércules corria à frente do animal que o perseguia com enorme dificuldade porque suas patas afundavam na cobertura branca e macia que tomava conta da encosta da montanha, e isso o foi cansando de tal modo que finalmente ele tombou para o lado, totalmente extenuado, do que se aproveitou o caçador para enleá-lo na grossa rede que levava consigo, tornando-o prisioneiro.

A outra versão revela que após descobrir uma das trilhas por onde o javali costumava passar, Hércules preparou uma armadilha, escondeu-se em uma moita próxima e ficou à espera. Várias horas se passaram, a noite se foi, até que no alvorecer

Os 12 Trabalhos de Hércules

do novo dia o herói finalmente ouviu os ruídos feitos pelo animal que caminhava em busca da alimentação matinal. Ele veio se aproximando sem desconfiar da ameaça armada à sua frente, e por isso caiu no laço, sem conseguir se libertar.

Satisfeito por ter completado com êxito a sua missão, Hércules desceu da montanha gelada e retornou a Micenas, entregando a Euristeu o javali que ele desejava. As antigas ilustrações desse episódio costumam mostrar o rei de Micenas acovardado, refugiando-se em um grande jarro, sugerindo, assim, que ele talvez tenha se arrependido da ordem que dera

Diz a lenda que talvez tenha sido durante o decurso desta sua estadia na Arcádia que Hércules seduziu Auge, filha do rei Áleo de Tégea, e sacerdotisa de Atena. Desta união nasceria Téleto, aquele que dentre os seus setenta filhos, mais se pareceria com o pai.

(05) OS ESTÁBULOS DO REI AUGIAS

A Elida, antiga região a noroeste da península do Peloponeso, na Grécia, limitava-se ao norte com a Acaia; a leste com a Arcádia, ao sul com a Messênia, e a oeste com o mar Jônio, mas sua extensão variava de acordo com as mudanças em sua influência política. Era habitada por gente guerreira, tanto que depois da 1ª Guerra do Peloponeso, iniciada por volta de 435 a.C. em consequência, sobretudo, do choque entre Esparta e Atenas, envolveu-se na maioria dos conflitos ocorridos na Grécia, geralmente como aliada de Esparta. O controle dos jogos olímpicos, durante vários séculos, deu ao povo da Elida considerável prestígio.

Um dos seus reis foi Áugias, que participara da expedição dos argonautas. Filho do rei Hélios (Sol), ele herdara um rebanho com cerca de três mil bois, mas durante trinta anos jamais limpava os estábulos onde alojava os animais, razão pela qual essas instalações e áreas que as cercavam acumulavam quantidade tão grande de esterco que em determinados trechos a camada de excrementos chegava a ter alguns metros de altura. A limpeza dos estábulos de Áugias foi a tarefa que o rei Euristeu, de Micenas, entregou a Hércules, com a condição, porém, de que ela deveria ser efetuada em um único dia. Tal incumbência desagradou ao herói grego, mas como ele havia assumido o compromisso de realizar cerca de doze trabalhos determinados pelo soberano micênico, não lhe restou alternativa senão partir para a Elida a fim de satisfazer a quinta exigência real.

Chegando ao palácio de Áugias, Hércules combinou com o soberano e seu filho Fileu, que receberia pagamento pelo serviço executado, exigindo que essa indenização correspondesse à décima parte do rebanho existente. O rei de Elida aceitou a proposta sem demonstrar qualquer discordância porque, no seu modo de ver as coisas, a tarefa não conseguiria ser executada dentro do prazo estipulado. Mas Hércules, que havia examinado preliminarmente a área a ser saneada, já tinha um plano em mente, e por isso tratou de realizá-lo.

Os 12 Trabalhos de Hércules

Bem próximo aos estábulos passava o rio Alfeu, ou Rufia, cujo volume e força de suas águas correntes eram mais que suficientes para o que Hércules tinha em mente. O mau cheiro por ali era intenso, tão intenso que não permitia a aproximação de ninguém, mas mesmo assim o herói iniciou sua operação limpeza. Procurou o lugar apropriado e ali escavou a terra abrindo aos poucos uma larga passagem por onde o rio começou a fluir, abandonando o leito antigo. Bastou ao herói grego desviar o seu curso para que a correnteza penetrasse como um turbilhão espumante pelo estábulo à dentro, depois percorresse a pastaria adjacente sem que nada impedisse a sua passagem, arrastando consigo os restos animais ali depositados, os paus, as pedras e tudo o mais que fosse móvel e se encontrasse no caminho que aquela enxurrada incontrolada percorria buscando um escoadouro natural que a levasse de volta ao próprio leito, e dali em direção ao seu destino, que era o mar. Não foi preciso muito tempo para que Hércules fechasse a brecha que abria na margem do rio, e quando as águas que passavam pelo estábulo finalmente secaram, tudo por ali estava limpo, como desejava o rei Euristeu, pois as toneladas e toneladas de esterco tinham sido levadas pelo Alfeu. E tudo isso em poucas horas.

Hércules foi, então, ao rei Áugias, mas este se recusou a efetuar o pagamento combinado alegando que o herói servia a Euristeu, e não a ele. Hércules invocou o testemunho de Fileu diante dos juízes, e o rapaz honestamente confirmou o combinado entre seu pai e o herói, mas o rei, encolerizado, não pagou o que devia e ainda expulsou os dois do seu reino. Mais tarde, quando os doze trabalhos a que estava obrigado a realizar já haviam sido completados, Hércules retornou a Elida para destronar o rei Áugias e colocar Fileu em seu lugar. Alguns mitólogos relatam que um primeiro exército organizado pelo herói foi derrotado, mas a segunda expedição por ele organizada conseguiu derrotar o rei de Elida e seus aliados..

Um dos mitos sobre a criação das Olimpíadas encontra-se na décima Ode à Olímpia, do poeta Píndaro (522 -443 a.C.), onde é contada a história de como Hércules, em seu quinto trabalho, teve de limpar os estábulos do rei Augias de Elida. Hércules prometeu limpar os estábulos do soberano pelo preço de um décimo do castelo do rei, este concordou, e Hércules realizou a tarefa. Áugias não cumpriu o acordo feito e por isso Hércules travou uma guerra com ele, matando-o e saqueando Elida. Como parte das comemorações pela vitória conquistada ele instituiu as Olimpíadas, em honra a seu pai, Zeus. Na mesma obra também é dito que Hércules ensinou os homens a lutar, e mensurou uma pista para corridas a pé.

(06) AVES ANTROPÓFAGAS DA ESTINFALIA

Estinfale é um lago situado na antiga Arcádia, hoje departamento de Argólida e Corinto, na península do Peloponeso, sul da Grécia. Segundo a Mitologia Grega, houve um tempo em que aves enormes, afugentadas do lugar onde viviam por predadores mais perigosos que elas, migraram para aquela região e passaram a esconder-se em um bosque lá existente, de onde saíam apenas para alimentar-se. Relatos antigos revelam que tais pássaros não tinham inimigos em seu novo território, o que lhes possibilitava reproduzirem-se com tamanha facilidade que já formavam um bando

Os 12 Trabalhos de Hércules

numeroso. Eles comiam todos os frutos e cereais que encontravam pela frente, destruíam as plantações existentes em larga área ao redor do lago, sendo descritos em outras versões como devoradores de homens. Por esse motivo provocavam um medo terrível entre os moradores das redondezas, e estes, sem alternativa, ou se mudavam para outros lugares tranquilos e seguros, ou então se trancavam em suas casas, só as deixando nas horas de absoluta necessidade.

Sabedor do que se passava, Euristeu, rei de Micenas e de Tirinto, que odiava Hércules e por esse motivo recebera da deusa Hera (Juno) o poder de exigir do herói, como expiação para um crime que este cometera (o assassinato de Mégara, sua esposa, e dos três filhos do casal), a solução para doze problemas de sua livre escolha, o incumbiu de matar as aves antropófagas no menor espaço de tempo possível. Incumbido dessa missão, Hércules procurou informar-se a respeito, e ficou sabendo que seria difícil eliminá-las porque elas passavam a maior parte do dia ocultas em meio à densa vegetação do bosque, e quando o deixavam, só o faziam individualmente, ou em pequeno número.

Ele então recorreu a Atena (Minerva), perguntando-lhe o que fazer, e esta o orientou no sentido de que para matá-las, Hércules primeiramente precisaria fazê-las sair, todas e de uma só vez, do bosque onde se escondiam;. Mas como? Então a deusa e o semi-deus foram à procura de Hefesto (Vulcano), divindade que presidia o fogo e todas as matérias fundíveis, e entregaram a ele a tarefa de produzir um instrumento capaz de alcançar esse objetivo. O deus ferreiro entrou imediatamente em ação, e em pouco tempo tinha para mostrar duas castanholas de bronze. E quando as colocou nas mãos e fê-las soar levemente, só para demonstrar que funcionavam, as duas produziram um som tão forte e atordoante que Atena e Hércules tiveram que tampar os ouvidos, receando de que seus tímpanos não suportassem tamanha vibração sonora.

Então, munido desses dois pequenos instrumentos de percussão, além das armas de caça de que precisaria, Hércules tomou o caminho do lago Estinfale. Dizia-se, a respeito das aves que pretendia matar, que suas penas pareciam ser feitas de ferro, e que as donas das mesmas, num simples movimento de asas, tinham a capacidade de atirá-las contra o que quisessem, como se fossem adagas afiadas capazes de mutilar e matar o ser humano ou animal que por elas fosse atingido. Todos os que cruzavam com o herói lhe diziam a mesma coisa, aconselhavam-no a tomar cuidado, e por isso, quando chegou ao local que considerou satisfatório, ele procurou abrigar-se em meio às pedras que se amontoavam à sua volta, disfarçou-se o melhor que pode com ramos da abundante vegetação ali existente, preparou o arco e as flechas, cujas pontas tinham sido embebidas no sangue venenoso da Hidra de Lerna, e depois tratou de deitar-se sob a copa de uma árvore frondosa, aguardando que o sol de meio-dia avançasse mais um pouco no firmamento, refrescando a tarde e tornando-a mais convidativa para os animais.

Chegada a hora, Hércules tampou os ouvidos com duas mechas de pano que havia tirado da camisa e encharcado na água guardada em uma espécie de cantil que levava, prendeu as castanholas nos dois polegares, e logo em seguida tratou de

Os 12 Trabalhos de Hércules

chacoalhá-las com o maior vigor possível, num ritmo alucinado. Instantes depois, uma pequena pausa, logo seguida pela mesma barulheira frenética de antes. O som avançava invencível diante do silêncio da mataria, subjugando-o e reverberando entre os troncos, ramos, galhos, folhas e cipós do bosque, de tal modo que ninguém, ou coisa alguma situada a relativa distância, poderia deixar de escutá-lo.

E realmente, foi o que aconteceu. Não demorou muito tempo para que a primeira estinfália se elevasse além das copas, assustada, olhando para todos os lados, sem conseguir descobrir o que estava acontecendo. Logo depois apareceu outra, e mais outra, e mais outra, até que em pouco tempo dezenas delas sobrevoavam a área em baixa altura, indecisas, desorientadas com a continuidade daquela barulheira que elas não sabiam de onde vinha, nem de que era feito, mas que o instinto lhes dizia representar algum perigo contra o qual precisavam se precaver.

Deixando as castanholas de lado, Hércules empunhou o arco, armou-o com uma seta envenenada e disparou-a contra uma das aves antropófagas, abatendo-a. Rapidamente ele repetiu o procedimento, e foi fazendo assim, duas, três, cinco, dez e mais vezes, e a cada flecha que zunia pelos ares um dos pássaros caía ferido mortalmente. E eles se tornando poucos, o bando foi se tornando cada vez menor, até que em dado instante, sem que se saiba o por que, os sobreviventes se agruparam, tomaram o rumo do poente e desapareceram no horizonte, para nunca mais serem vistos na antiga Arcádia.

Dessa forma chegava ao fim, e com sucesso, mais um dos doze trabalhos impostos a Hércules.

(07) O TOURO DE CRETA

Na mitologia grega existem dois personagens com o mesmo nome: Minos. O primeiro, rei de Creta, uma ilha longa e estreita, com 260 km de comprimento e largura variando entre 12 e 60 km, situada no sul do mar Egeu, teria sido filho de Zeus (Júpiter) e de Europa, marido de Pasifaé e construtor do famoso Labirinto de Creta, que depois de morto desceu ao mundo subterrâneo e lá se tornou um dos juizes dos mortos. O outro seria filho de Licaste e neto do primeiro.

A Minos se atribui o início da guerra contra os atenienses, como vingança pela morte do filho Androgeu. Ele só concedeu a paz sob condição de que em cada ano sete rapazes e sete moças fossem enviados ao Minotauro, uma criatura com cabeça e cauda de touro num corpo de homem, para sacrifício.

Minos (que supostamente viveu por volta do ano 1.500 a.C.) e seus irmãos Radamanto e Sarpédon, tinham sido criados por Asterion, rei de Creta, que ao morrer legou seu trono ao primeiro. Inconformados com essa decisão os dois preteridos se dispuseram a iniciar uma disputa pelo poder, mas Minos alegou que por direito Creta lhe pertencia, pois essa era vontade dos deuses, afirmando também que os imortais lhe concederiam qualquer coisa que desejasse. Para confirmar o que dizia, ele solicitou a Poseidon (Netuno), deus das amplitões marinhas:

Os 12 Trabalhos de Hércules

- Oh!, Poseidon, deus dos mares, faça sair destas águas um touro, se quiser que eu seja o rei de Creta. Em troca, lhe oferecerei um sacrifício, matando o animal.

E foi prontamente atendido, porque na mesma hora surgiu do mar um grande touro branco, muito bonito, o que acabou de vez com a contestação dos irmãos insatisfeitos. Todavia, a beleza do animal impressionou o rei de tal maneira, que este, desejando conservar-lhe a raça, o enviou para junto de seu rebanho, esquecendo o compromisso assumido com Poseidon.

Indignado com essa afronta, o deus marinho enlouqueceu o animal, que a partir desse momento passou a espalhar o terror em Creta. Mas como ainda não estava satisfeito, Poseidon fez com que no coração de Pasífaé, esposa do rei perjuro, brotasse uma paixão irresistível pelo touro enfurecido, um desejo carnal incontrolável. Sem saber o que fazer para saciar aquela vontade louca que não lhe dava sossego, ela procurou Dédalo, um notável arquiteto e inventor, e pediu-lhe ajuda, tendo este fabricado para a rainha uma novilha de bronze (ou de madeira) coberta por uma pele de novilha, uma obra tão perfeita e bem acabada que logrou enganar o animal.

Então, colocando-se dentro daquela simulação de uma fêmea bovina, Pasífaé finalmente conseguiu satisfazer à sua paixão alucinada. Dessa união nasceu o Minotauro, um misto de homem e animal que posteriormente foi morto por Teseu. Mas por causa da ajuda dada por Dédalo a Pasífaé, Minos mandou que o prendessem no Labirinto juntamente com seu filho Ícaro, de onde os dois conseguiram evadir-se construindo asas artificiais.

A notícia dos estragos causados pelo touro chegou a Euristeu, rei de Micenas e de Tirinto, que chamou Hércules e lhe disse que como era necessário capturar o animal, ele ficaria encarregado dessa tarefa. O herói grego partiu em seguida para executar o seu primeiro trabalho fora do Peloponeso, conseguindo fazê-lo sem muito trabalho. Depois de prendê-lo, cavalgou-o como se fosse um cavalo, atravessou o mar a nado e o levou a Euristeu, que o soltou. Mas o bovino escapou e passou a devastar a planície de Maratona, e por isso Hércules teve então que matá-lo.

(08) ÉGUAS ANTROPÓFAGAS DE DIOMEDES

Dois Diomedes são mencionados na mitologia grega. Um era o rei de Argos, que se distinguiu por vários feitos na guerra de Tróia e foi cultuado como herói na Grécia e nas costas do mar Adriático. O outro era filho de Ares (Marte), rei dos bístones, povo não-grego que vivia na antiga Trácia, entre o mar Egeu e o monte Ródope, ao norte da península balcânica. Ele possuía quatro éguas (ou cavalos, em algumas versões) animais selvagens, carnívoros e antropófagos, que soltavam fogo pela boca e eram alimentados com a carne dos estrangeiros que apareciam nos domínios do seu dono e acabavam sendo aprisionados por ele.

Os 12 Trabalhos de Hércules

Sabedor do que ocorria no reino de Diomedes, Euristeu, soberano em Micenas, ordenou a Hércules, de quem não gostava, que fosse buscar os temidos animais e os trouxesse até ele. O herói grego não tinha como recusar o cumprimento de tal imposição porque ela se integrava à penitência que lhe fora imposta pelo oráculo de Delfos por ter matado a própria esposa, Mégara, e os três filhos nascidos dessa união, durante um acesso de fúria que o acometera, provocado pela deusa Juno (Hera).

Por isso partiu logo em seguida para a região da Trácia, a fim de cumprir o oitavo trabalho exigido por Euristeu. Entretanto, a certa altura do caminho o semideus decidiu desviar-se de sua rota para visitar Admeto, rei na Tessália, e sua esposa Alcestes. Este tinha sido um dos seus companheiros na época dos argonautas, e não fazia muito tempo tivera o privilégio extraordinário de dar ordens a um deus. Isso aconteceu quando Esculápio, filho de Apolo, foi morto por um raio forjado pelos Ciclopes a mando de Plutão, senhor do reino das sombras, e seu pai, querendo vingá-lo, matou com suas setas alguns dos gigantes de um olho só no meio da testa. Irritado, Zeus (Júpiter) o condenou a tornar-se servo de um mortal durante um ano.

Durante esse período Apolo e Admeto se tornaram tão bons amigos que quando este adoeceu gravemente o primeiro obteve das Moiras (Parcas), as três irmãs – Cloto, Láquesis e Átropos - que teciam o fio do destino humano e cortavam-no com suas tesouras quando bem entendiam, a promessa de que elas poupariam o adoentado caso alguém se dispusesse a morrer em seu lugar. Alegre com essa esperança de salvação, Admeto pensou que seria fácil encontrar alguém que se dispusesse a substituí-lo. Porém, tal não se deu. Essa passagem é contada por Thomaz Bulfinch, em seu “Livro de Ouro da Mitologia”, da seguinte forma:

Guerreiros valentes, que de boa vontade arriscavam a vida por seu príncipe, recuavam ante a idéia de morrer por ele num leito de enfermo, e os servos que lhe deviam benefícios e que se encontravam a serviço de sua casa desde a infância, não se dispunham a sacrificar os dias que lhes restavam para mostrar sua gratidão. “Por que um de seus pais não se sacrifica?”, perguntavam. “De acordo com as leis da natureza eles não poderão viver muito mais, e quem estará mais indicado que eles para resgatar uma vida a que deram origem?”. Os pais, contudo, por mais pesarosos que estivessem ante a iminência de perder o filho, não atendiam ao apelo para salvá-lo. Então, com admirável abnegação Alcestes ofereceu-se como substituta. Admeto, por mais amor que tivesse à vida, não desejava mantê-la a tal custo. Mas não havia remédio. A condição imposta pelas Parcas foi satisfeita e o decreto era irrevogável. Admeto se restabelecia, ao passo que Alcestes adoeceu e se aproximava rapidamente da sepultura.

Justamente nessa ocasião Hércules chegou ao palácio de Admeto e encontrou todos os moradores muito pesarosos ante a iminência da morte da dedicada esposa e querida senhora. Hércules, para quem não havia trabalho bastante árduo, resolveu tentar salvar a rainha. Ficou na porta do seu quarto e, quando a Morte chegou à procura de sua presa, agarrou-a e obrigou-a a desistir de sua vítima. Alcestes restabeleceu-se e foi restituída ao marido.

Os 12 Trabalhos de Hércules

Depois desse episódio Hércules reiniciou sua caminhada para a Trácia, em busca das éguas antropófagas. Chegando à Bistônia, procurou o palácio de Diomedes, dominou os serviçais, livrou-se da guarda real, aprisionou o rei e capturou uma a uma as quatro fêmeas mal afamadas, que não lhe deram maior trabalho nem o ameaçaram de alguma forma. E já estava pronto para partir com elas rumo a Micenas quando percebeu que estavam famintas.

Então, segundo a lenda, ele lhes serviu o próprio Diomedes como alimento, iniciando em seguida a viagem de retorno. Chegando a Micenas entregou as éguas a Euristeu, que amedrontado ao se ver diante delas, mandou soltá-las nas proximidades do monte Olimpo, aos pés do qual acabaram sendo mortas e devoradas por lobos selvagens.

Na ilustração, Hércules capturando uma das éguas de Diomedes. Painel de azulejos do século 17, na varanda da fachada sul do Palácio de Belém, em Lisboa, foto de José Manuel

(09) O CINTURÃO DE HIPOLITA

Hipólita, rainha das amazonas, tribo de mulheres guerreiras, possuía um cinturão mágico dado a ela por seu pai, o deus Ares (Marte), mas que Admeta, filha de Euristeu, rei de Micenas, desejava para si. Por isso o soberano ordenou a Hércules que fosse buscá-lo sem tardança. Sobre a realização desse trabalho existem versões diferentes, como a do historiador francês Alain Quesnel, em “A Grécia – Mitos e Lendas”, que diz em certo trecho:

“Chegando à foz do rio que banha o país das Amazonas, o herói decide permanecer no primeiro porto que avista. No minuto exato em que o navio atraca, aparece sobre as colinas vizinhas uma tropa de cavalaria impressionante, toda engalanada. Armadas até os dentes, cabelos ao vento, as amazonas descem ao porto. Hércules dirige-se à horda de guerreiras, entre as quais logo identifica Hipólita. Em seu esplêndido traje de combate a rainha é facilmente reconhecível. Na cintura ela leva o magnífico cinturão que Ares, deus da guerra, deu-lhe de presente. Hipólita também reparou em Hércules. Seduzida pela enorme estatura e pela possante musculatura do herói, a rainha acalma o ardor combativo de suas guerreiras e dispõe-se a falar tranqüilamente com ele. Hércules convida-a a descansar um pouco em seu barco”.

“A rainha aceita, e na cobertura do navio, começa a conversar longamente com Hércules e a contemplá-lo com olhos cheios de amor. Como prova dessa afeição nascente, tira o cinturão e oferece-o ao semideus, o primeiro homem a inspirar-lhe ternura. Hércules recebe com alegria o presente, feliz por ter cumprido sem nenhum combate essa tarefa. Mas tal harmonia desagradou a Hera (Juno), que, já sabemos, detesta Hércules. A deusa assume a aparência de uma amazona e, esgueirando-se entre as fileiras do exército de mulheres, começa a espalhar o calunioso boato de que os estrangeiros querem raptar a rainha Hipólita. Loucas de raiva, as amazonas vestem as couraças, pegam as armas, montam nos cavalos e, vociferando, vão para o porto, onde atacam as sentinelas de Hércules”.

Os 12 Trabalhos de Hércules

“Surpreendido pelos gritos, o herói sai da cabine. Diante de seus olhos, trava-se entre seus homens e as terríveis amazonas, um combate feroz. Certo de que foi traído, Hércules mata Hipólita e entra na luta. Fazendo girar sua maça, abre caminho entre as inimigas. No calor do combate, o semideus da pele de leão enfrenta tudo, esquiva-se das flechas e revida todos os golpes. As bravas guerreiras compreendem que não estão enfrentando um adversário comum. Muitas já estão caídas na poeira, e o resto do exército encontra-se na maior confusão. Algumas ficam com medo. Até aquele momento, julgavam-se invencíveis, mas Hércules mostra-lhes que a coisa é bem diferente. Em pânico, fogem a galope. Então, Hércules ordena a partida do navio. Algum tempo depois chega a Micenas e dá o cinturão a Euristeu, que se apressa a mandar colocá-lo como enfeite no templo de Hera”.

Outro relato, de Márcio Pugliesi, professor da Pontifícia Universidade Católica - SP, em “Mitologia Greco-Romana - Arquétipos dos Deuses E Heróis”, diz que:

“As Amazonas fixaram-se nas circunvizinhanças do Ponto Euxino e viviam do saque e da caça. As suas vestes eram feitas de peles de animais ferozes e, presas no ombro esquerdo, chegavam até os joelhos, mas deixando a descoberto toda a parte direita do corpo. As armas, segundo os relatos, se compunham de um arco, de uma aljava plena de setas e de um machado. O escudo teria a forma de um crescente, com o diâmetro de cerca de meio metro. A rainha, quando em combate, usava cota de malha fixa por um cinturão e, como todas, um capacete ornado de plumas mais ou menos brilhantes, insígnias de sua categoria ou dignidade. Geralmente combatiam a cavalo, mas também combatiam a pé. Pentasiléia, uma de suas rainhas, lutou com suas companheiras ao lado de Tróia. Outra rainha, Harpalice, célebre pela velocidade na corrida, dominou toda a Trácia”.

“No tempo de Hércules reinava Hipólita, cujo cinturão, a mando de Euristeu, tinha (Hércules) de obter. O herói partiu em busca das Amazonas, matou Migdon e Amico, irmãos de Hipólita, que lhe impediam a passagem, desbaratou as guerreiras e raptou-lhes a rainha, que obrigou a casar com Teseu, seu amigo”.

A terceira versão, autoria de Thomas Bulfinch, e incluída em “O Livro de Ouro da Mitologia”, diz que:

“O trabalho seguinte foi de natureza mais delicada. Admeta, filha de Euristeu, desejava ardentemente possuir o cinto da rainha das Amazonas, e Euristeu ordenou a Hércules que o fosse buscar. As amazonas constituíam uma nação de mulheres muito belicosas, que possuíam diversas cidades florescentes. Tinham o costume de criar apenas as crianças do sexo feminino; os meninos eram mandados para os países vizinhos, ou mortos. Hércules partiu acompanhado por um certo número de voluntários e, depois de várias aventuras chegou ao país das Amazonas. Hipólita, a rainha, acolheu-o benevolmente e concordou em entregar-lhe o cinto, mas Juno, tomando a forma de uma amazona, convenceu as demais que os estrangeiros estavam raptando sua rainha. Elas armaram-se imediatamente e atacaram o navio. Hércules, julgando que Hipólita tivesse agido traiçoeiramente, matou-a e, levando o cinto, fez a viagem de volta”.

Em outra narrativa, Teseu casa com Hipólita, também chamada Antíope, com quem teve um filho – Hipólito -, mas depois a abandona para unir-se a Fedra, filha do rei Minos, de Creta. Por causa disso a rainha das amazonas volta com suas guerreiras durante a realização da cerimônia do novo casamento de Teseu, disposta a liquidar todos os presentes, mas é morta pelos homens do noivo, segundo alguns, ou por Pentésiléia, também amazonas, no entender de outros.

(10) OS BOIS VERMELHOS DE GERIÃO

Segundo a mitologia grega, Gerião era um monstro de três cabeças, ou três corpos, e provido de asas potentes, embora seja descrito em outro relato como uma figura assustadora, também com três corpos que lhe saíam da cintura, cada um com dois braços e uma cabeça, mas sem as asas.

Ele morava em Eritia, a “ilha vermelha”, situada próximo ao litoral da atual Espanha, no oceano Atlântico, uma das terras mitológicas do extremo oeste, entre as quais havia também Hespéria, jardim dos deuses; Sarpedon, ilha das Górgonas e Leuke, a ilha dos mortos bem-aventurados. O naturalista Plínio, o Velho (23-79), talvez o mais importante da Antiguidade, a situou em frente à cidade de Gades, hoje conhecida como Cadiz. Ainda mais a oeste estava o sombrio reino de Hades, deus do submundo e das riquezas dos mortos.

Gerião possuía um rebanho de excelentes bois vermelhos e cuidava dele em companhia do pastor Euritiôn, de quem se dizia ser violento e perigoso, e do cão Orto, que tinha duas cabeças e maior ferocidade, ainda. Hércules foi encarregado por Euristeu de roubar esse gado e levá-lo a Micenas, na Grécia, completando, assim, a décima tarefa a que estava sujeito. O herói partiu então para a Líbia, na África, percorreu o litoral africano na direção oeste até alcançar o estreito que separa aquele continente das terras européias, e uma vez lá colocou em cada lado uma coluna de pedra, que correspondem às duas penínsulas rochosas (monte Calpe, na Espanha, e monte Abila, no Marrocos) a que os fenícios, em 630 a.D., batizaram como “colunas de Hércules”.

De lá ele caminhou até as terras onde Gerion mantinha os seus bois, encontrou-os pastando sob a guarda dos dois vigias, e quando se aproximou dos animais foi atacado primeiramente por Orto, ao qual matou com uma pancada de clava na cabeça, e logo em seguida por Euritiôn, que também investiu enfurecido contra ele, mas Hércules o derrubou com uma flechada no coração. Depois, cuidou de deitar-se à sombra de uma árvore, descansou o tempo que achou suficiente, levantou-se e tratou de tocar o rebanho rumo ao destino onde era aguardado. Nesse entremeio Gerion, que havia sido avisado por Menetes, pastor de Hades, da aproximação de Hércules, não demorou muito para chegar ao local, furioso e disposto a tudo para impedir que o seu gado fosse levado daquela forma. Mas também foi abatido com facilidade pelas flechas certas do herói.

Os 12 Trabalhos de Hercules

Assim, de posse dos bois de Gerion, Hercules iniciou a caminhada de volta para casa sem desconfiar que encontraria uma série de dificuldades pela frente. E que dificuldades... O professor e escritor Marcio Pugliesi relata essa jornada em "Mitologia Greco-Romana - Arquétipos dos Deus e Heróis", esclarecendo que na volta Hércules seguiu outro caminho, tomando rumo norte e passando pela Espanha, Gália, Itália, Sicília e Grécia, locais em que, de fato, proliferaram santuários ao semideus. Segundo esse texto:

“Os ligures foram os primeiros a atacá-lo no vale do Ródano. Eram em tão grande número que, esgotadas as setas e não havendo pedras na região, Hércules sentiu-se perdido e implorou a seu pai, que fez desabar uma chuva de rochas, permitindo-lhe, assim, desbaratar o ataque. Ao cruzar o Lácio, próximo ao local em que seria edificada Roma, teve de bater-se com Caco, uma espécie de deus do fogo, filho de Vulcano que vivia numa gruta do Aventino, pois esse deus decidiu roubar algumas das reses (oito, segundo a tradição). Hércules deixou que os animais pastassem livremente no futuro Fórum Boiarum, enquanto dormia às margens do Tibre. Ao contar os animais deu pela diferença e, guiado pelos mugidos daqueles presos nas cavernas, encontrou Caco e passou a lutar com ele. Embora o deus tivesse três cabeças e lançasse fogo pela boca, foi rapidamente morto pelo herói”.

Na Calábria, em Régio, um dos bois atravessou a nado o estreito que tem hoje o nome de Messina, entre a Sicília e a Itália. Hércules foi buscá-lo, e para reavê-lo teve que se empenhar em um combate mortal contra o rei da ilha. Vencida essa etapa, apressou-se em retornar ao caminho que percorria, mas durante a nova travessia do estreito viu-se obrigado a enfrentar os monstros Caríbdis e Cila, conseguindo escapar. Caribdis era um monstro marinho que ao tentar investir contra Hércules, foi lançado por Zeus às profundezas do mar; e Cila uma ninfa transformada em monstro pela feiticeira Circe

Mais adiante, nas costas gregas do mar Jônio, o rebanho de bois vermelhos foi atacado por moscardos enviados pela deusa Juno (Hera), esposa de Júpiter (Zeus), que além de odiar o herói (filho bastardo de seu esposo), também se mostrava inconformada com os sucessos que ele vinha obtendo. Desesperados em virtude desse ataque, os animais fugiram e se dispersaram pelas montanhas das redondezas. Hercules foi atrás deles, mas não conseguiu juntá-los todos, novamente. Mas os que conseguiu reunir foram entregues a Euristeu e sacrificados pelo rei em honra à deusa vingativa.

Quanto aos demais, acabaram se transformando nos selvagens rebanhos da Citia, região da Eurásia habitada na antiguidade por grupos de povos iranianos conhecidos como citas. Sua localização e extensão variam com o tempo, indo do ponto onde as fronteiras de Mongólia, China, Rússia e Cazaquistão se encontram, à região do baixo Danúbio na Bulgária.

(11) AS MAÇÃS DE OURO DAS HESPÉRIDES

As Hespérides eram ninfas quase sempre apresentadas como filhas da Noite e de Héspero, e encarregadas de guardar as maçãs de ouro que a deusa Geia, ou Terra, havia dado a Hera (Juno) como presente de casamento. Elas eram três, Egle, Eritéia e Hespéria, mas algumas vezes quatro e outras sete, que habitavam uma ilha vizinha ao monte Atlas (na verdade um sistema montanhoso que se estende por 2.300 quilômetros no norte da África, indo do Marrocos a Tunísia, atravessando a Argélia) e desempenhavam sua missão de vigília em companhia de Ladon, um dragão de cem cabeças que a rainha do Olimpo havia lhes dado para que o mesmo as ajudasse no exato cumprimento da tarefa de que eram responsáveis..

Segundo a lenda mais conhecida, Hércules matou o dragão, colheu as frutas que precisava e levou-as a Euristeu, em Micenas. Em outra versão, ele recebeu as maçãs das mãos do gigante Atlas – um dos titãs que fizera guerra aos deuses e, depois da derrota, fora condenado a sustentar nos ombros o peso do céu -, que as colheira enquanto o herói, durante o tempo necessário, assumia o seu lugar no penoso castigo que lhe fora aplicado pelos deuses. Relatado dessa forma, tudo parece ter sido fácil e rápido, mas, de forma geral, os textos que relatam o penúltimo trabalho de Hércules o apontam como tendo sido o de realização mais difícil porque o herói grego não tinha a menor idéia de como encontrar os pomos de ouro das Hespérides. Por isso, não sabendo exatamente aonde ir, ele vagou sem rumo por vários lugares em busca da informação desejada, enfrentou vários perigos, praticando algumas façanhas durante a longa caminhada que empreendeu.

Numa delas enfrentou e matou Cicno - filho de Marte (Ares), deus da guerra -, para livrar os viajantes dos assaltos sanguinários praticados por esse bandoleiro das estradas. Marte bem que tentou vingar o filho morto, mas nesse encontro foi ferido por uma flecha de Hércules e por isso retirou-se para o Olimpo a fim de tratar-se.

De outra feita, ao atravessar a Líbia, Hércules encontrou-se com Anteu, filho da deusa Terra (Geia, ou Gaia), poderoso gigante e lutador, dono de uma força invencível enquanto estivesse em contato com sua mãe. Ele obrigava todos os estrangeiros que apareciam em seu país a lutar com ele, com a condição de que se fossem vencidos (como sempre eram), seriam mortos. Hércules enfrentou-o em um combate difícil, porque toda vez que derrubava seu oponente, este, em contato com o chão, recuperava imediatamente as forças e erguia-se com redobrado vigor, pronto para continuar lutando como se nada tivesse acontecido. Ao descobrir qual era o segredo do seu oponente, Hércules levantou o gigante no ar e o estrangulou.

Passando pelo Egito ele se viu às voltas com Busiris, filho de Poseidon (Netuno), um rei que costumava sacrificar os estrangeiros para evitar a seca em seu reino, sendo forçado a liquidá-lo. Mais adiante, ao saber por intermédio de algumas ninfas que Nereu, ou Nereus (que tinha o Mediterrâneo como reino, e mais especificamente o mar Egeu), pai das Nereiades, poderia lhe dizer o que precisava saber, Hércules foi levado até ele, convencendo-o a lhe dar o rumo certo que deveria

tomar para chegar às Hespérides (algumas versões sustentam que os dois tiveram que lutar antes de Nereu se dispor a revelar o que sabia).

Foi assim que Hércules encontrou Atlas em uma região no noroeste da África, e como tinha sido avisado pelas ninfas de que não deveria colher pessoalmente as maçãs de ouro, mas sim deixar que o titã o fizesse, ele aceitou colocar sobre si os pilares do céu, enquanto Atlas providenciava a coleta dos pomos que precisava levar. Ao retornar, este avisou que ele próprio levaria as maçãs de ouro a Euristeu, com o que Hércules concordou, pedindo apenas que os dois trocassem de lugar por alguns momentos, a fim de que pudesse colocar no ombro uma almofada para aliviar a pressão do enorme peso depositado sobre ele. Assim fizeram, e tão logo Hércules se viu livre da carga que carregara por pouco tempo, pegou as maçãs de ouro e foi-se embora sem olhar para trás, deixando Atlas na condição em que se encontra até hoje: com o céu apoiado em seus ombros.

Como nada mais havia a ser feito naquelas paragens, Hércules retornou a Micenas com as maçãs de ouro e as entregou ao rei Euristeu, que por sua vez as repassou de imediato para as mãos da deusa Atena. Esta, a mando da deusa Hera, verdadeira proprietária dos frutos, devolveu-as, então, ao Jardim das Hespérides, pois esse era o seu verdadeiro lugar.

Em outra lenda envolvendo as Hespérides, os Argonautas, chegaram até elas levados pela sede, e pediram-lhes que indicassem uma fonte onde pudessem encontrar boa água, mas em resposta foram transformados em pó. Todavia, isso não os amedrontou nem desanimou: eles suplicaram a atenção dos deuses, que os ouviram e lhes devolveram a forma primitiva. Quanto às ninfas, foram transformadas em árvores: Hespéria em choupo; Eirtéia em olmo; e Egle em salgueiro.

Para Thomaz Bulfinch, autor de "O Livro de Ouro da Mitologia", *"Os poetas, levados pela analogia do lindo aspecto do céu ao sol poente, no crepúsculo, imaginavam o Ocidente como uma região de brilho e beleza, ali colocando as Ilhas Afortunadas, a vermelha Ilha Eritéia, na qual pastavam os bois de Gerião, e a Ilha das Hespérides. Supõe-se que as maçãs douradas eram as laranjas da Espanha, sobre as quais os gregos teriam informações incompletas"*

(12) O CÃO CÉRBERO

Na mitologia grega, Cérbero, irmão de Orto - cão que guardava os bois vermelhos de Gerião - e da Hidra de Lerna, era o vigia feroz da entrada do mundo subterrâneo dos mortos. Embora os autores antigos o tenham descrito de formas variadas, a mais conhecida mostrava-o como uma terrível fera que possuía três cabeças armadas com dentes afiados e grande cauda de dragão, e que se postava sempre vigilante e atenta diante dos portões por onde era permitida a entrada de quem chegava ao reino infernal, mas jamais a saída dos que tinham passado para o outro lado. As únicas pessoas que haviam quebrado essa regra inflexível, penetrando e retornando do submundo onde perambulavam as almas castigadas, tinham sido Hércules, Orfeu, Enéias e Psiquê.

Os 12 Trabalhos de Hércules

Os gregos davam à esse lugar o mesmo nome da divindade que ali reinava ao lado de Perséfone. O deus Hades, ou Plutão para os romanos, era irmão de Zeus, o soberano dos deuses, e em seu mundo subterrâneo, cercado de rios, só os mortos poderiam chegar. Para isso eles eram transportados pela barca de Caronte até a outra margem do Aqueronte, onde se situava a entrada do Inferno, e era ali, junto à porta de diamantes por onde passavam cabisbaixos os condenados a não mais saírem do lúgubre reino das sombras, que Cérbero montava guarda com os olhos e ouvidos de suas três cabeças atentos ao menor movimento.

Hércules, o herói grego que se vira obrigado a cumprir doze tarefas impostas por Euristeu, rei de Micenas, por ter matado em um acesso de fúria sua esposa Mégara e filhos, já havia completado onze delas. Pouco tempo depois do semi-deus ter retornado à Grécia e entregado ao soberano as maçãs de ouro das Hespérides, ele foi instruído pelo mesmo a realizar sua última e mais perigosa tarefa: a de descer ao mundo dos mortos para capturar Cérbero e levá-lo vivo à presença do mandante. Um trabalho tão difícil e temerário que o próprio Hércules duvidava que fosse capaz de completá-lo com êxito.

Em razão disso ele pediu ajuda aos deuses e foi ouvido, pois Atena (Minerva) e Hermes (Mercúrio) logo apareceram para ajudá-lo. Sem perder tempo os três se dirigiram ao cabo Tenaro (atual cabo Matapan, na região central da península do Peloponeso), de onde se chegava ao reino infernal através de um túnel longo e escuro. A partir desse ponto duas versões relatam o que aconteceu em seguida. Na primeira delas, Hércules, Hades e Atena penetraram no mundo subterrâneo e encontraram Meléagro e Medusa, que estavam a esperá-los, mas ao perceber que o herói se inquietava o deus acalmou dizendo que eles não lhe poderiam fazer mal, pois eram apenas sombras, e nada mais. Levados à presença de Hades, Hércules explicou-lhe qual a finalidade de sua presença naquele lugar, e o soberano do reino dos mortos concordou em que ele levasse o animal conforme estava obrigado a fazer, desde que o dominasse sem usar nenhuma arma, não o machucasse e o devolvesse vivo. O semi-deus aceitou as condições impostas e lutou de mãos vazias contra Cérbero, dominando-o após breve luta. Em seguida, levou-o a Euristeu, que apavorado ao se ver diante daquele animal de aparência sinistra, mandou que o mesmo fosse devolvido imediatamente ao lugar de onde fora retirado.

Na segunda versão, quando Hércules, Atena e Hermes se aproximaram do portão de entrada do mundo dos mortos, Cérbero pôs-se a uivar como nunca tinha feito antes, o que despertou a curiosidade de Hades. Mas quando o deus das sombras se aproximou do local, e verificou que Hércules estava acompanhado por duas divindades, perguntou-lhes o que procuravam, e o herói respondeu:

- Se estou aqui é porque meu senhor Euristeu ordenou que eu levasse ao mundo superior o seu cão de três cabeças, e é pela vontade de Zeus, senhor da terra e do céu, que eu lhe obedeco. Deixe-me, pois, levar o seu cão para poder cumprir a ordem que recebi de Euristeu, e prometo-lhe que Cérbero nada sofrerá. Eu o trarei de volta são e salvo, assim que completar minha tarefa.

Os 12 Trabalhos de Hércules

Aparentemente Hades não gostou do que ouviu, mas retrucou com calma:

- Se você for capaz de dominar Cérbero sem lhe provocar nenhum ferimento, e levá-lo nos ombros até a casa do seu senhor, eu dou a minha autorização. Mas para que isso aconteça necessito da sua garantia de que o cão me será devolvido ileso, e com a rapidez necessária.

Hércules prometeu-lhe que assim seria, e em seguida aproximou-se de Cérbero, que imediatamente colocou-se em posição de luta, rosnando e mostrando os dentes afiados que guarneciam suas três bocarras. Mas apesar deles, e também da cauda de dragão que buscava atingi-lo e feri-lo, o herói conseguiu dominar a fera em pouco tempo com a ajuda de sua pele de leão, e jogando-a sobre o ombro direito subiu pelo caminho que levava ao mundo superior. Segundo relatos antigos, esse *"caminho era longo, áspero e íngreme, a carga pesada, e as três cabeças do cão rosnavam e tentavam mordê-lo sem parar, mas Hércules caminhava com o pensamento concentrado na sua próxima libertação, e por isso prosseguia em seu avanço sem dar a menor atenção ao que sua presa procurava fazer"*.

Uma vez em Micenas ele levou Cérbero ao palácio de Euristeu, mas quando o rei se viu diante daquele animal de três cabeças com bocas enormes cheias de dentes que mais pareciam adagas afiadas prontas para cortar, correu para esconder-se dentro de um tonel de bronze, ordenando a Hércules que levasse o cão embora e se afastasse de Micenas para sempre, pois a partir daquele momento ele, o rei, o declarava desobrigado de cumprir qualquer outra tarefa. Diante disso, Hércules retornou à caverna de Hades e deixou Cérbero diante das portas do Inferno, como havia prometido ao deus da região das sombras.

E foi dessa forma que o semi-deus grego completou os doze trabalhos que lhe foram impostos pelo Oráculo de Delfos como penitência pelo crime que cometera.